



**Apresenta**

**ONDAS E OUTROS POEMAS ESPARSOS**

**Euclides da Cunha**

**Rio de Janeiro - 1883**

**14 anos de idade**

**Observação fundamental para explicar a série de absurdos que há nestas páginas.**

**ONDAS**

**Correi, rolai, correi \_ ondas sonoras  
Que à luz primeira, dum futuro incerto,  
Erguestes-vos assim \_ trêmulas, canoras,  
Sobre o meu peito, um pélago deserto!  
Correi... rolai \_ que, audaz, por entre a treva  
Do desânimo atroz \_ enorme e densa \_  
Minh'alma um raio arroja e altiva eleva  
Uma senda de luz que diz-se \_ Crença!  
Ide pois \_ não importa que ilusória  
Seja a esp'rança que em vós vejo fulgir...  
\_ Escalai o penhasco ásp'ro da Glória...  
Rolai, rolai \_ às plagas do Porvir!  
[1883]**

**EU QUERO**

**Eu quero à doce luz dos vespertinos pálidos**

Lançar-me, apaixonado, entre as sombras das matas  
\_ Berços feitos de flor e de carvalhos cálidos  
Onde a Poesia dorme, aos cantos das cascatas...

Eu quero aí viver \_ o meu viver funéreo,  
Eu quero aí chorar \_ os tristes prantos meus...  
E envolto o coração nas sombras do mistério,  
Sentir minh'alma erguer-se entre a floresta de Deus!

Eu quero, da ingazeira erguida aos galhos úmidos,  
Ouvir os cantos virgens da agreste patativa...  
Da natureza eu quero, nos grandes seios túmidos,  
Beber a Calma, o Bem, a Crença \_ ardente a altiva.

Eu quero, eu quero ouvir o esbravejar das águas  
Das asp'ras cachoeiras que irrompem do sertão...  
E a minh'alma, cansada ao peso atroz das mágoas,  
Silente adormecer no colo da so'idão...  
[1883]

**REBATE (Aos padres)**

Sonnez! sonnez toujours, clairons de la pensée.  
V. Hugo  
Ó pálidos heróis! ó pálidos atletas \_  
Que co'a razão sondais a profundez dos Céus \_  
Enquanto do existir no vasto Saara enorme  
Embalde procurais essa miragem \_ Deus!...

A postos!... É chegado o dia do combate...  
\_ As frentes levantai do seio das so'idões \_  
E as nossas armas vede \_ os cantos e as idéias,  
E vede os arsenais \_ cérebros e corações.

De pé... a hora soa... esplêndida a Ciência  
Com esse elo \_ a idéia \_ as mentes prende à luz  
E ateia já, fatal, a rubra lavareda  
Que vai \_ de pé heróis! \_ queimar a vossa Cruz...

Vos pesa sobre a fronte um passado de sangue.  
\_ A vossa veste negra a muit'alma envolveu!  
E tendes que pagar \_ ah! dívidas tremendas!  
Ao mundo: João Huss \_ e à Ciência: Galileu.

Vós sois demais na terra!... e pesa, pesa muito  
O lívido bordel das almas, das razões,  
Sobre o dorso do globo \_ sabeis \_ é o Vaticano,  
Do qual a sombra faz a noite das nações...

Depois... o século expira e... padres, precisamos  
Da ciência c'o archote \_ intérmino, fatal \_  
A vós incendiar \_ aos báculos e às mitras,  
A fim de iluminar-lhe o grande funeral!

Já é, já vai mui longa a vossa fria noite,  
Que em frente à Consciência, soubestes, vis, tecer...  
Oh treva colossal \_ partir-te-á a luz...  
Oh noite, arreda-te ante o novo alvorecer...

Oh vós que a flor da Crença \_ esquálidos \_ regais  
Co'as lágrimas cruéis \_ dos mártires letais \_  
Vós, que tentais abrir um santuário \_ a cruz,  
Da multidão no seio a golpe de punhais...

O passado trazeis de rastro a vossos pés!  
Pois bem \_ vai-se mudar o gemer em rugir \_  
E a lágrima em lava!... ó pálidos heróis,  
De pé! que conquistar-vos vamos \_ o porvir!...  
[1883]

## DANTÃO

Parece-me que o vejo iluminado.  
Erguendo delirante a grande fronte  
\_ De um povo inteiro o fúlgido horizonte  
Cheio de luz, de idéias constelado!

De seu crânio vulcão \_ a rubra lava

Foi que gerou essa sublime aurora  
\_ Noventa e três \_ e a levantou sonora  
Na frente audaz da população brava!

Olhando para a história \_ um século e a lente  
Que mostra-me o seu crânio resplandente  
Do passado através o véu profundo...

Há muito que tombou, mas inquebrável  
De sua voz o eco formidável  
Estruge ainda na razão do mundo!  
[1883]

## MARAT

Foi a alma cruel das barricadas!  
Misto e luz e lama!... se ele ria,  
As púrpuras gelavam-se e rangia  
Mais de um trono, se dava gargalhadas!...

Fanático da luz... porém seguia  
Do crime as torvas, lívidas pisadas.  
Armava, à noite, aos corações ciladas,  
Batia o despotismo à luz do dia.

No seu cérebro trememente negrejavam  
Os planos mais cruéis e cintilavam  
As idéias mais bravas e brilhantes.

Há muito que um punhal gelou-lhe o seio...  
Passou... deixou na história um rastro cheio  
De lágrimas e luzes ofuscantes.  
[1883]

## ROBESPIERRE

Alma inquebrável \_ bravo sonhador  
De um fim brilhante, de um poder ingente,

De seu cérebro audaz, a luz ardente  
É que gerava a treva do Terror!

Embuçado num lívido fulgor  
Su'alma colossal, cruel, potente,  
Rompe as idades, lúgubre, tremente,  
Cheia de glórias, maldições e dor!

Há muito que, soberba, ess'alma ardida  
Afogou-se cruenta e destemida  
\_ Num dilúvio de luz: Noventa e três...

Há muito já que emudeceu na história  
Mas ainda hoje a sua atroz memória  
É o pesado mais cruel dos reis!...  
[1883]

## SAINT-JUST

Un discours de Saint-Just donnait tout de suite un caractère terrible au débat...

Raffy: Procès de Louis XVI

Quando à tribuna ele se ergueu, rugindo,  
\_ Ao forte impulso das paixões audazes \_  
Ardente o lábio de terríveis frases  
E a luz do gênio em seu olhar fulgindo,

A tirania estremeceu nas bases,  
De um rei na frente ressumou, pungindo,  
Um suor de morte e um terror infindo  
Gelou o seio aos cortesãos sequazes \_

Uma alma nova ergueu-se em cada peito,  
Brotou em cada peito uma esperança,  
De um sono acordou, firme, o Direito \_

E a Europa \_ o mundo \_ mais que o mundo, a França \_  
Sentiu numa hora sob o verbo seu  
As comoções que em séculos não sofreu!...

[1883]

## TRISTEZA

Ai! quanta vez \_ pendida a fronte fria  
\_ Coberta cedo do cismar p'los rastros \_  
Deixo minh'alma, na asa da poesia,  
Erguer-se ardente em divinal magia  
À luminosa solidão dos astros!...

Infeliz mártir de fatais amores  
Se ergue \_ sublime \_ em colossal anseio,  
Do alto infinito aos siderais fulgores  
E vai chorar de terra atroz as dores  
Lá das estrelas no rosado seio!

.....  
É nessa hora, companheiro, bela,  
Que ela a tremer \_ no seio da soedade  
\_ Fugindo à noite que a meu seio gela \_  
Bebe uma estrofe ardente em cada estrela,  
Soluça em cada estrela uma saudade...

.....  
É nessa hora, a deslizar, cansado,  
Preso nas sombras de um presente escuro  
E sem sequer um riso em lábio amado \_  
Que eu choro \_ triste \_ os risos do passado,  
Que eu adivinho os prantos do futuro!...  
[1883]

## GONÇALVES DIAS (Ao pé do mar)

Seu eu pudesse cantar a grande história,  
Que envolve ardente o teu viver brilhante!...  
Filho dos trópicos que \_ audaz gigante \_  
Desceste ao túmulo subindo à Glória!...

Teu túmulo colossal \_ nest'hora eu fito \_  
Altivo, rugidor, sonoro, extenso \_  
O mar!... O mar!... Oh sim, teu crânio imenso \_  
Só podia conter-se \_ no infinito...

E eu \_ sou louco talvez \_ mas quando, forte,  
Em seu dorso resvala \_ ardente \_ Norte,  
E ele espumante estruge, brada, grita

E em cada vaga uma canção estoura...  
Eu \_ creio ser tu'alma que, sonora,  
Em seu seio sem fim \_ brava \_ palpita!...  
[29 nov. 1883]

## VERSO E REVERSO

Bem como o lótus que abre o seio perfumado  
Ao doce olhar da estrela esquiva da amplidão  
Assim também, um dia, a um doce olhar, domado,  
Abri meu coração.

Ah! foi um astro puro e vívido, e fulgente,  
Que à noite de minh'alma em luz veio romper  
Aquele olhar divino, aquele olhar ardente  
De uns olhos de mulher...

Escopro divinal \_ tecido por auroras \_  
Bem dentro do meu peito, esplêndido, tombou,  
E nele, altas canções e inspirações ardentes  
Sublime burilou!

Foi ele que a minh'alma em noite atroz, cingida,  
Ergueu do ideal, um dia, ao rútilo clarão.  
Foi ele \_ aquele olhar que à lágrima dorida  
Deu-me um berço \_ a Canção!

Foi ele que ensinou-me as minhas dores frias  
Em estrofes ardentes, altivo, transformar!  
Foi ele que ensinou-me a ouvir as melodias

**Que brilham num olhar...**

**E são seus puros raios, seus raios róseos, santos  
Envoltos sempre e sempre em tão divina cor,  
As cordas divinais da lira de meus prantos,  
D'harpa da minha dor!**

**Sim \_ ele é quem me dá o desespero e a calma,  
O ceticismo e a crença, a raiva, o mal e o bem,  
Lançou-me muita luz no coração e na alma,  
Mas lágrimas também!**

**É ele que, febril, a espadanar fulgores,  
Negreja na minh'alma, imenso, vil, fatal!  
É quem me sangra o peito \_ e me mitiga as dores.  
É bálsamo e é punhal.**

#### **A CRUZ DA ESTRADA**

**A meu amigo E. Jary Monteiro  
Se vagares um dia nos sertões,  
Como hei vagado \_ pálido, dolente,  
Em procura de Deus \_ da fé ardente  
Em meio das soidões...**

**Se fores, como eu fui, lá onde a flor  
Tem do perfume a alma inebriante,  
Lá onde brilha mais que o diamante  
A lágrima da dor...**

**Se sondares da selva e entranha fria  
Aonde dos cipós na relva extensa  
Noss'alma embala a crença.  
Se nos sertões vagares algum dia...**

**Companheiro! Hás de vê-la.  
Hás de sentir a dor que ela derrama  
Tendo um mistério, aos pés, de um negro drama,  
Tendo na frente o raio de uma estrela!...**



Que vezes a encontrei!... Medrando calma  
A Deus, entre os espaços  
No desgraçado, ali tombado, a alma  
Que tiritita, quem sabe?, entre os seus braços.

Se a onça vê, lhe oculta a asp'ra, ferrenha  
Garra, estremece, pára, fita-a, roja-se,  
Recua trêmula, e fascinada arroja-se,  
Entre as sombras da brenha!...

E a noite, a treva, quando aos céus ascende  
E acorda lá a luz,  
Sobre os seus braços frios, frios, nus,  
\_ Tecido de astros em brial estende...

Nos gélidos lugares  
Em que ela se ergue, nunca o raio estala,  
Nem pragueja o tufão... Hás de encontrá-la  
Se acaso um dia nos sertões vagares...  
[maio 1884]

## COMPARAÇÃO

"Eu sou fraca e pequena..."  
Tu me disseste um dia.  
E em teu lábio sorria  
Uma dor tão serena,

Que em mim se refletia  
Amargamente amena,  
A encantadora pena  
Quem em teus olhos fulgia.

Mas esta mágoa, o tê-la  
É um engano profundo.  
Faze por esquecê-la:  
Dos céus azuis ao fundo  
É bem pequena a estrela...

E no entanto \_ é um mundo!  
[1884]

STELLA

A Sebastião Alves

"Eu sou fraca e pequena..."  
Tu me disseste um dia,  
E em teu lábio sorria  
Uma dor tão serena,

Que a tua doce pena  
Em mim se refletia  
\_ Profundamente fria,  
\_ Amargamente amena!...

Mas essa mágoa, Stella,  
De golpe tão profundo,  
Faz tu por esquecê-la \_  
Das vastidões no fundo  
\_ É bem pequena a estrela \_  
No entanto \_ a estrela é um mundo!...

AMOR ALGÉBRICO [Título anterior: "Álgebra lírica"]

Acabo de estudar \_ da ciência fria e vã,  
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente,  
Acabo de arrancar a fronte minha ardente  
Das páginas cruéis de um livro de Bertrand.

Bem triste e bem cruel decerto foi o ente  
Que este Saara atroz \_ sem aura, sem manhã,  
A Álgebra criou \_ a mente, a alma mais sã  
Nela vacila e cai, sem um sonho virente.

Acabo de estudar e pálido, cansado,  
Dumas dez equações os véus hei arrancado,

**Estou cheio de 'spleen', cheio de tédio e giz.**

**É tempo, é tempo pois de, trêmulo e amoroso,  
Ir dela descansar no seio venturoso  
E achar do seu olhar o luminoso X.  
[1884]**

**A FLOR DO CÁRCERE [Publicado na "Revista da Família Acadêmica", número 1, Rio de Janeiro, novembro de 1887.]**

**Nascera ali \_ no limo viridente  
Dos muros da prisão \_ como uma esmola  
Da natureza a um coração que estiola \_  
Aquela flor imaculada e olente...**

**E 'ele' que fora um bruto, e vil descrente,  
Quanta vez, numa prece, ungido, cola  
O lábio seco, na úmida corola  
Daquela flor alvíssima e silente!...**

**E \_ ele \_ que sofre e para a dor existe \_  
Quantas vezes no peito o pranto estanca!...  
Quantas vezes na veia a febre acalma,**

**Fitando aquela flor tão pura e triste!...  
\_ Aquela estrela perfumada e branca,  
Que cintila na noite de sua alma...  
[1884?]**

## **ÚLTIMO CANTO**

**I  
Amigo!... estas canções, estas filhas selvagens  
Das montanhas, da luz, dos céus e das miragens  
Sem arte e sem fulgor, são um sonoro caos  
De lágrimas e luz, de plectros bons e maus...  
Que ruge no meu peito e no meu peito chora,  
Sem um 'fiat' de amor, sem a divina aurora**

De um olhar de mulher...  
perfeitamente o vês,

Não sei metrificar, medir, separar pés...  
\_ Pois um beijo tem leis? a um canto um núm'ro guia?  
Pode moldar-se uma alma às leis da geometria?

Não tenho ainda vinte anos.  
E sou um velho poeta... a dor e os desenganos  
Sagraram-me mui cedo, a minha juventude  
É como uma manhã de Londres \_ fria e rude...

Filho lá dos sertões nas múrmuras florestas,  
Nesses berços de luz, de aromas, de giestas \_  
Onde a poesia dorme ao canto das cachoeiras,  
Eu me embrenhava só... as auras forasteiras  
Me segredavam baixo os cantos do mistério  
E a floresta sombria era como um saltério,  
Em cujas vibrações minh'alma \_ ébria \_ bebia  
Esse licor de luz e cantos \_ a Poesia...  
Mas, cedo, como um elo atroz de luz e pó  
Um sepulcro ligara a Deus minh'alma... e só  
Selvagem, triste e altivo, eu enfrentei o mundo,  
Fitei-o, então, senti de meu cérebro no fundo  
Rolar, iluminando a alma e o coração,  
Com a lágrima primeira \_ a primeira canção...  
Cantei \_ porque sofria \_ e, amigo, no entretanto,  
Sofro hoje \_ porque canto.

Já vês, portanto, em mim esta arte de cantar  
É um modo de sofrer , é um meio de gozar...  
Quem há que meça aí de uma lágrima o brilho?  
Pois erra-se sofrendo?...

Eu nunca li Castilho.  
Detesto francamente esses mestres cruéis  
Que esmagam uma idéia sob quebrados pés...  
Que vestem co'um soneto esplêndido, sem erro,  
Um pensamento torto, encarquilhado e perro,  
Como um correto fraque às costas de um corcunda!...

Oh! sim, quando a paixão o nosso ser inunda,

E ferve-nos na artéria, e canta-nos no peito,  
\_ Como dos ribeirões o borbulhoso leite,  
Parar \_ é sublevar \_  
Medir \_ é deformar!  
Por isso amo a Musset e jamais li Boileau.

## II

Esse arquiteto audaz do pensamento \_ Hugo \_  
Jamais sói refrear o seu verso terrível,  
Veloce como a luz, como o raio, incoercível!  
Se a lima o toca, ardente, audaz como um corcel,  
Às esporas revel,  
Na página palpita e ferve e freme e estoura  
Como um raio a vibrar no seio de uma aurora...  
Que lime-se num verso uma cadência má,

Que p'los dedos se contem as sílabas \_ vá lá!  
Mas que um tipão qualquer \_ como muitos que eu vejo \_  
Espiche, estique e encolha a tal hora e sem pejo \_  
Um desgraçado verso, e, após tanto medir,  
Torcer, brunir, sovar, limar, polir, polir,  
No-lo venha a trazer, às pobres das ovelhas,  
Como um casto 'bijou', feito de sons e luz,  
Isto revolta e amola...  
Mas veja ao que conduz  
O vago rabiscar de uma pena sem norte:  
Falava-te de Deus, de mim, da estranha sorte  
Que aniila a poesia \_ e acabo num jogral,  
Num lorpa, num boçal,  
Que nos recebe a pés, e faz do amor uma arte.  
Deixemo-lo de parte.

## III

Escuta-me, eu teria um imenso prazer  
Se podendo domar, curvar, forçar, vencer  
O cér'bro e o coração, fosse este último canto  
O fim de meu sonhar, de meu cantar, porquanto...

**RIMAS**

Ontem \_ quando, soberba, escarnecias  
Dessa minha paixão \_ louca \_ suprema  
E no teu lábio, essa rósea algema,  
A minha vida \_ gélida \_ prendias...

Eu meditava em loucas utopias,  
Tentava resolver grave problema...  
\_ Como engastar tua alma num poema?  
E eu não chorava quanto tu te rias...

Hoje, que vivo desse amor ansioso  
E és minha \_ és minha, extraordinária sorte,  
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!

E tremo e choro \_ presentindo \_ forte \_,  
Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,  
Esse excesso de vida \_ que é a morte...  
[1885]

## SONETO

Dedicado a Anna da Cunha

"Ontem, quanto, soberba, escarnecias  
Dessa minha paixão, louca, suprema,  
E no teu lábio, essa rosa da algema,  
A minha vida, gélida prendias...

Eu meditava em loucas utopias,  
Tentava resolver grave problema...  
\_ Como engastar tua alma num poema?  
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje, que vives desse amor ansioso  
E és minha, só minha, extraordinária sorte,  
Hoje eu sou triste, sendo tão ditoso!

E tremo e choro, presentindo, forte  
Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,

**Esse excesso de vida, que é a morte..."**

**[10 set. 1890]**

## **A RIR**

**Eu já não creio mais... sombrio e calmo enfrento  
\_ O lábio ermo da prece, o peito ermo da crença \_  
A estrela \_ rubra e imensa  
De meu destino atroz, aspérrimo e sangrento!...  
E embora sobre mim flamívoma suspensa  
Em minh'alma os clarões fatais ela concentre,  
Eu suporto-lhe bem o flamejante baque  
\_ Altivamente calmo \_ entrincheirando-me entre  
Uma canção de Byron  
E um cálix de 'cognac'...  
\_ Não há dor que resista ao som de uma risada! \_  
Depois, se me exarcebo!  
e tremo e choro erguendo a prece à alma magoada,  
Mais me dói essa dor, mais esse mal é acerbo!  
Assim \_ eu resolvi, indiferente e frio  
Cheio de orgulho e 'spleen' \_ como um banqueiro inglês,  
Sepultar na ironia o pranto meu sombrio...  
Por isso quando atroz na triste palidez  
De minha fronte paira amarga idéia \_ eu rio!...  
E quando pouco a pouco  
Essa idéia me abate e vence-me alterosa,  
De amargores repleta \_ eu rio como um louco...  
E se ela ainda dói mais, e forte e tenebrosa  
Soe ao último ideal da minh'alma anilar,  
E vencer-me de todo  
Então \_ eu me ergo mais \_ e \_ desvairado o olhar  
\_ Divinamente doudo \_  
Eu rio, rio muito \_ até chorar!...  
[1886]**

**FAZENDO VERSOS**

**A Moreira Guimarães**

Poeta que calcula quando escreve

.....

Que vá poetizar para os conventos.

G. Magalhães

Colegas. Essas canções \_ essas filhas selvagens  
Das montanhas, da luz, dos céus e das miragens  
\_ Sem arte e sem fulgor \_ são um sonoro caos  
De lágrimas e luz, de plectros bons e maus  
Que ruge no meu peito e no meu peito chora;  
Sem um 'fiat' de amor, sem a divina aurora  
De uns olhos de mulher...

Mas tenho vinte e um anos  
E sou um velho poeta \_ a dor e os desenganos  
Sagraram-me mui cedo; a minha juventude  
É, como uma manhã de Londres \_ fria e rude!  
\_ Filho lá dos sertões \_ nas múrmuras florestas,  
Nesses berços de luz, de aromas e giestas  
Aonde a poesia dorme ao canto das cachoeiras,  
Eu me embrenhava só... as auras forasteiras  
Me segredavam baixo as dulas do mistério  
E a floresta ruidosa era como um saltério  
De cujas vibrações meu coração vivia  
Bebendo esse licor de luzes \_ a Poesia!...

Mui cedo \_ como um elo atroz de luz e pó  
Um sepulcro ligara a Deus minh'alma... só,  
\_ Selvagem, triste e altivo \_ eu enfrentei o mundo  
Fitei-o e então senti \_ de meu cérebro no fundo  
Rolar \_ iluminando a alma e o coração \_  
Com a lágrima primeira, a primeira canção!...

Cantei \_ porque sofria \_ e, veja que no entanto  
Sofro hoje \_ porque canto!...  
Já vês, portanto: em mim \_ isso de versejar \_  
É um modo de sofrer e um meio de gozar  
E nada mais, palavra!...

...Eu nunca li Castilho \_



Detesto francamente estes mestres cruéis  
Que esmagam uma idéia entre 'quebrados pés',  
Que vestem com um soneto \_ esplêndido, sem erro \_  
Um pensamento torto, encarquilhado e perro \_  
\_ Como um correto 'frac' ao dorso de um corcunda!...  
Oh!... sim \_ quando a paixão o nosso ser inunda  
E ferve-nos na artéria e canta-nos no peito  
\_ Como dos ribeirões o estrepitante leito \_  
Parar \_ é sublevar  
\_ Medir \_ é deformar \_  
Por isso amo a Musset e jamais li Boileau!...  
Esse arquiteto audaz do pensamento \_ Hugo \_  
Jamais soe refrear o seu verso invencível  
Veloz, mais do que a luz \_ como o raio \_ incoercível!  
Se a lima o toca \_ ardente, audaz como um corcel  
Às esporas revel  
Na página palpita \_ e corre e brilha e estoura  
Como um raio a vibrar no seio de uma aurora!...  
Que a crítica burguesa e honesta me perdoe:  
Bem sei que isso faz mal \_ sei bem que isto lhe dói:  
Que ela me estigmatise a fronte e em raiva ingente  
Arroje sobre mim a pecha: decadente!...  
E vede-me calcar do Pindo as áureas trilhas...  
Colega!... não de ser sempre essas canções estranhas  
Um selvagens filhas  
Das miragens, dos céus, da luz e das montanhas!...

CRISTO [Publicado na "Revista da Família Acadêmica", Rio de Janeiro, jul. 1888. Dedicatória posterior.]  
A Filinto d'Almeida

Era uma idade atroz... forte e grandiosa.  
Levantando altivíssima a alterosa  
E fulgurante coma  
Nas ruínas das nações se erguia Roma...  
Trágica e má \_ das raças quebradas,  
Das velhas raças de remota história,  
Afogando a existência, a força e a glória  
\_ Num dilúvio flamívomo de espadas! \_

Não havia aplacá-la, nem dos perros  
A queixa vil, nem dos heróis nos ferros;  
Embalde o pranto acerbo  
Sufocando, Mitríades, soberbo,  
Se erguera na Ásia aos rígidos embates  
De férvidas paixões para, possante,  
Lançar um trono no bulcão troante  
Do torvelinho horrível dos combates!

Tombara Filopoeme \_ altivo o aspeito,  
Concentrando no velho e frio peito  
Todo o vigor guerreiro,  
Todo o heroísmo de um país inteiro...  
\_ E o que passou então foi sublimado \_  
A Grécia, que era morta, morta e escrava,  
Transmudou-se num túmulo \_ heróica e brava \_  
Para guardar seu último soldado...

No Egito, o horror dos dramas lutuosos...  
Rotos, sombrios, pávidos, raivosos,  
Os últimos heróis  
Sofriam pela pátria... oh! dor atroz \_  
Oh! dor fatal que o coração adstringes!  
E passavam, cingindo as velhas clâmides,  
\_ Entre a sombra funérea das pirâmides  
E o olhar petrificado das esfinges!

A Ibéria exangue \_ nem sequer o insano  
Louco gemer do eterno amante \_ o Oceano  
Ouvia, lhe atirando às plantas frias  
Grandes canções \_ vestidas de ardentias...  
Amante imenso, de um amor profundo,  
Que mais tarde, grandioso, para erguê-la,  
\_ Não podendo engastá-la numa estrela \_  
Lançou-lhe aos pés \_ um mundo!

Nos corações as recalçadas penas  
Doíam sem um só gemido... apenas  
Numa loucura brava.

O Parta palmo a palmo recuava;  
No terreno sagrado de seus pais;  
Caía \_ como o raio \_ fulminando,  
E morria \_ as espadas agitando  
Como sabem morrer os imortais!  
Mas de onde vinha esse fatal domínio?  
Lançai à história o olhar. Vede:  
Um triclínio.

Das taças arrebenta  
Formidolosa a embriaguez sangrenta...  
Um truão se ergue: em seu olhar cintila  
A febre, às vozes doces de um saltério,  
Ébrio e trôpego dança... Ei-lo Tibério...  
\_Tibério cambaleia \_ e o mundo oscila!

Foi nessa idade atroz e má, repleta  
De crimes, que Jesus, incruento atleta \_  
Ergueu como uma aurora,  
Por entre a multidão, a fronte loura...  
E nova vida palpitou na terra;  
Vacilaram os ferros sanguinários  
Nas manoplas dos rudes legionários;  
\_ Em frente à paz estremeceu \_ a guerra...

Dissolveram-se em prantos os ressábios  
Das concentradas dores, e nos lábios  
Sublime, pairou esse  
Bafejo ardente da nossa alma... a prece...  
E livre dessas noites que se somem  
Ante os fulgores da razão de um justo,  
O mundo inteiro se soerguendo a custo,  
Respirava p'la boca de um só homem!

Da antiga idade, os deuses combalidos  
Oscilaram, quebrados, derruídos,  
Ante o clarão brilhante  
Daquela consciência rutilante...  
E, cobardes, num círculo de lanças,  
Cheios de um grande espanto, vacilaram

Os déspotas, torvados... e recuaram  
Ante um homem cercado de crianças...

E quando ele caiu... o mundo antigo,  
O seu ingrato e trágico inimigo,  
\_ Alucinado e insano \_  
Deslumbrou-se ante um quadro sobre-humano:  
Aureolava-o ignota claridade...  
E aquele morto... frio, macerado,  
Tendo no lábio um riso ensangüentado,  
Na espádua roxa \_ erguia a Humanidade...  
[1887?]

**CALABAR [Título anterior: OS HOLANDESES]  
(Fragmento)**

Calabar \_ só. Queda-se pensativo. Surge de um recanto do forte.  
Fr. Manuel Salvador

FR. MANUEL \_ (à parte) ... Não percamos esta hora.  
(Alto, a Calabar)  
Pois acreditas tu que é um leão?  
(Calabar volta-se, surpreso)  
Tu és  
Um cachorro açulado às goelas do holandês!  
CALABAR \_ Padre! de onde surgiste? a que vens? e que queres?  
E que palavra vil é esta com que feres  
A quem sempre submisso ouviu a tua voz?  
FR. MANUEL \_ Escuta-me, meu filho... Eu precisava, a sós,  
Longamente tratar contigo acerca de árdua  
Empresa; e a situação em que te vês, aguardo-a  
De muito impaciente...  
CALABAR \_ Tu achas então que é  
Própria a divagações esta hora \_ quando a fé  
Que propagas e o Deus, o próprio Deus que adoras  
Tem em roda seis mil espadas vencedoras  
Do herético holandês... Tu queres gracejar  
Ante o perigo, padre!?  
FR. MANUEL \_ (tranqüilo) \_ Escuta, Calabar:

Sabes o que traduz este hábito sombrio?  
É o túmulo de uma alma! Aqui dentro há mais frio,  
Mais sombra e mais horror do que nas solidões  
Dos cemitérios... Ouve: Há fundas aflições  
De uma agonia atroz, no ser entregue ao duro  
Martírio de arrastar este farrapo escuro.  
Sabes tu por acaso avaliar o pavor  
De alguém que arrasta em vida o próprio túmulo, e a dor  
De quem cego da vida às galas soberanas  
É um morto a vagar entre as paixões humanas,  
Trágico e só 'perinde ao cadáver', só  
Feito uma sombra vã e desprezível? Oh!  
Se podes calcular a espantosa tristeza  
De alguém em frente ao qual, imota, a natureza  
Não tem voz, nem luz... Se podes idear  
Sequer a ânsia de alguém destinado a escutar,  
\_ Monótona, a bater, a bater agoureira,  
A mesma hora a bater durante a vida inteira!  
Se podes avaliar tão mísero viver  
E sofrimentos tais, deves compreender  
Que eu não sei rir sequer, que eu não gracejo nunca!  
[1887?]

## **CÉZARES E CZARES**

Os Cézares cruéis,  
Quando deixam da história a cena gigantéia,  
Conservam geralmente a linha dos atores,  
Que embora tenham tido espantosos papéis,  
Nos quais dura se alteia  
A desgraça espalhando angústias e terrores,  
Querem que os acompanhe o aplauso da platéia...

Mário penetra em Roma  
Pela sétima vez erguido ao consulado,  
Na alma robusta o héróis traz sinistros desejos  
De vingança, fatais anelos que não doma...  
Sombrio, alucinado,  
Não lhe quebram o assomo os eternos lampejos

Dos prélíos que travou nas lutas do passado:  
E a espada que fulgiu nas sombras da Germânia  
Arranca-a em plena insânia,  
Vibrando-a doidamente \_ e doidamente a enterra  
Em pleno coração da sua grande terra...

Mas vê-de-o no desterro...  
\_ Que imensa solidão! que pavoroso estrago! \_  
Velho, proscrito e só!... ninguém à dor lhe assiste.  
Só lhe é dado rever o alcantilado cerro  
O vulto enorme e vago  
Da pátria, além do mar... Dizei-me o que mais triste:  
As ruínas daquela alma ou as ruínas de Cartago.

César trucidada a Gália  
E a Síria e o Egito e a Ibéria... À indômita ambição  
Não lhe basta, porém, o império vitorioso...  
Desvaira: vai buscar nos campos de Farsália  
Os sonhos de Pompeu; e em Tapsos \_ glorioso \_  
A energia moral austera de Catão.  
Triunfou! É feliz! Que importam dissabores  
Dos rudes lutadores,  
Feitos comparsas vis desses terríveis dramas,  
Se Roma está em festa... e a Gália inteira em chamas!

No 'forum', certo dia:  
'Tu quoque, Brute!' Estranho, este grito se ergueu.  
Tumultua o recinto ante o ato formidável:  
\_ César ferido, o peito em sangue e a fronte fria  
Vacila, mas o seu  
Aprumo não destrói. Cai, num tombo impecável,  
Tragicamente, aos pés das estátuas de Pompeu!

Ivã subjuga e prende  
Ao carro triunfador os povos de dois mundos.  
Reina, impera \_ é o Czar! Sua terrível glória  
Do pólo enregelado ao Cáucaso se estende.  
Os Calmucos imundos  
Cercam-lhe o trono e a vida. E ler-se sua história  
É ouvir-se a todo instante os rumores profundos,

Que irrompem do tropel dos esquadrões bravios  
Dos tártaros sombrios...  
\_ Imenso tropear que afoga os gritos cavos  
E as doidas maldições de cem milhões de escravos!

ESTÂNCIAS [Publicado em "Revista da Família Acadêmica", Rio de Janeiro, out. 1888.]

XII

Les beaux yeux sauvent les beaux vers!...  
V. Hugo

Meu pobre coração tão cedo aniquilado  
Na ardência das paixões \_ ó pálida criança \_  
Revive à doce luz do teu olhar magoado

E cheio de ilusões, de crenças e esperança  
Faz o castelo ideal das louras utopias  
\_ Com os brilhos desse olhar e o ouro de tua trança! \_

\*

Quando sobre as sombrias  
Ondas \_ vasto o luar esplêndido se espalma  
De todo o seu negror, arranca as ardentias

De teus olhos assim à luz divina e calma  
Dimanam \_ cintilando \_ as ilusões e os versos  
Das sombras de minh'alma...

E sonho e canto e rio e me deslumbro... imersos  
\_ No místico luar que sobre mim derramas \_  
Fulguram como sóis meus ideais dispersos!...

Fulguram como sóis \_ entre sonoras flamas  
Partindo no meu peito a tétrica penumbra  
E o silêncio fatal de dolorosos dramas...

E tudo hoje ante mim tem luz, tem voz \_ deslumbra \_  
Pois \_ tal como dos sóis a claridade instila  
De cada um ideal \_ uma canção ressumbra \_

**E em cada uma canção \_ o teu olhar cintila...  
[São Paulo, jan. 1888]**

## **OS LÊMURES**

**Ó minha musa \_ imaculada e santa!  
Deixa um momento os sonhos teus benditos,  
Despe os teus véus de noiva do Ideal.  
Deixa-os, despe-os e canta  
Sobre as ruínas trágicas do mal  
As almas arruinadas dos malditos!...  
[188-]**

## **MUNDOS EXTINTOS**

**São tão remotas as estrelas que, apesar da vertiginosa  
velocidade da luz, elas se apagam, e continuam a brilhar durante  
séculos.**

**Morrem os mundos... Silenciosa e escura,  
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,  
Nas luminosas solidões da altura  
Erguem-se, assim, necrópoles sombrias...**

**Mas para nós, di-lo a ciência, além perdura  
A vida, e expande as rútilas magias...  
Pelos séculos em fora a luz fulgura  
Traçando-lhes as órbitas vazias.**

**Meus ideais! extinta claridade \_  
Mortos, rompeis, fantásticos e insanos  
Da minh'alma a revolta imensidade...**

**E sois ainda todos os enganados  
E toda a luz, e toda a mocidade  
Desta velhice trágica aos vinte anos...  
[1886]**



**"HÁ NOS TEUS OLHOS ESCUROS..."**

**Há nos teus olhos escuros  
Tantas centelhas, que ao vê-las  
Penso na treva e nos brilhos  
Das noites cheias de estrelas...**

**Penso em cousas singulares,  
Indagando entre delírios:  
Por que é que os céus inda brilham?  
Por que não se apaga Sírius?  
[1888]**

### **LIRISMO A DISPARADA**

**Eu sou por certo um ente admirável,  
A quem nenhuma penitência salva.  
Não tiro o meu chapéu à Divindade...  
"E dizem que perdi a Estrela-d'alva"...**

**E tão viciado que ainda hoje, à noite,  
Um pelotão de serafins risonhos,  
Em pleno 'boulevard' da Via-Láctea,  
Prendeu-me porque eu estava ébrio... de sonhos!**

**Escândalo no céu. Os santos todos,  
Perdendo as composturas consagradas,  
Atiravam-me estrelas, como pedras,  
E riam-se a bandeiras despregadas.**

**Um desacato escandaloso... e como  
O Supremo Fiscal, nessa emergência,  
Não conteve os seráficos garotos,  
Denunciei à polícia a Providência.**

**Fiz bem. A rixa é velha. Há muito tempo  
Que eu, o Voltaire e o Comte nem o intento  
Podemos ter de passear à noite**

**Na grande praça azul do Firmamento.**

**Se o fazemos, apagam-se as lanternas  
Dos céus, num pronto e momentâneo eclipse,  
E vemo-nos nas trevas, entre os coices  
Da besta divinal do Apocalipse!**

**Não vou mais lá, por isso... Mas que importa...  
Por que falar nesses sucessos tristes?  
Trancam-me os céus: eu tenho o teu olhar...  
Nem me faz falta Deus \_ pois tu existes!**

#### **D. QUIXOTE**

**Assim à aldeia volta o da "triste figura"  
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:  
No arcaboijo dobrado \_ um grande desalento,  
No entrestecido olhar \_ uns laivos de loucura...**

**Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura  
Do ideal e da Fé, tudo isto num momento  
A rolar, a rolar, num desmoronamento,  
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura.**

**Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente  
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro oco  
O brilho da Ilusão do espírito doente;**

**Porque há cousa pior: é o ir-se a pouco e pouco  
Perdendo, qual perdeste, um ideal ardente  
E ardentes ilusões \_ e não se ficar louco!  
[1890]**

**"AS CATAS"  
A Coelho Neto**

**Que outros adorem vastas capitais  
Aonde, deslumbrantes,**

Da Indústria e da Ciência as triunfais  
Vozes se erguem em mágico concerto;  
Eu, não; eu prefiro antes  
As catas desoladoras do deserto,  
Cheias de sombra, de silêncio e paz...  
Eu sei que à alma moderna \_ alta e feliz,  
E grande, e iluminada,  
Não pode sofrer estes febris  
Assomos curiosos que a endoidecem  
De ir ver, emocionada,  
Os milagres da Indústria em Gand ou Essen,  
E a apoteose do século \_ em Paris!  
Não invejo, porém, os que se vão  
Buscando, mar em fora,  
De outras terras a esplêndida visão...  
Fazem-me mal as multidões ruidosas  
E eu procuro, nesta hora,  
Cidades que se ocultam majestosas  
Na tristeza solene do sertão.  
Cidades ante as quais são como anãs  
As Londres, extensíssimas  
E as Babilônias, Bagdás pagãs;  
Tão colossais, tão cheias de grandeza,  
Nas construções amplíssimas,  
Que as contemplando eu penso na rudeza  
De uma raça já morta de titãs.  
E abandonadas... no entretanto, quem  
As observa, no extremo  
Dos horizontes afastados, tem  
O religioso espanto e o extraordinário  
Êxtase supremo  
De um muçulmano austero ou de um templário  
Diante de Meca ou de Jerusalém.  
Divisa então soberbos coliseus,  
Templos de forma rara \_  
Amplas mesquitas, vastos mausoléus,  
E góticas igrejas tão imensas  
E tão frágeis que para  
Compreendê-las, cremo-las suspensas  
Por ignota atração vinda dos céus.

No entanto, atulmutuaram multidões  
Dentro delas outrora;  
E ao ritmo de esplêndidas canções  
Levantou-lhes os muros triunfantes  
Heróica e sonhadora,  
A coorte febril dos Bandeirantes,  
Nas marchas triunfais pelos sertões.  
Mas passaram \_ e o sol que tremeu  
A seus passos, deserto,  
Revolto e infinito, e como um mausoléu  
Imenso que pelo sertão se estende...  
Calcando-o, sentis perto,  
Um deslizar sinistro de duende:  
O fantasma de um povo que morreu.  
Viajantes que rápidos passais  
Pelas serras de Minas,  
Vindos de fulgurantes capitais,  
Evitai as necrópoles sagradas,  
Passai longe das ruínas,  
Passai longe das Catas desoladas  
Cheias de sombra, de tristeza e paz...  
Campanha, 1895

FRAGMENTOS DE POESIA [Publicado em "O Imparcial", Rio de Janeiro, 20 jan. 1929]  
A Coelho Neto

De um lado o Atlântico e do outro lado as serras  
Longas, indefinidas, perlongando-o;  
E aquém das serras nos planaltos largos,  
Um mundo ainda ignoto! Os rios longos  
Recortam-na profusos, ora calmos,  
Volvendo a correnteza imperceptível,  
Ora cheios, rolando no...  
O soberbo estridor das cachoeiras...  
As grandes matas verde-negras vastas  
... de frutos e de flores  
Desafiam do azual as pompas todas.

Que terra encantadora... Mas enquanto  
O meu olhar se desatava livre  
No desafio dos espaços amplos  
O ridículo mortal tolhia o passo  
E imóvel sobre o cerro em que jazíamos  
Abarcava num gesto o espaço todo:  
Conforme vês 'a terra é longa e grossa'

E atestam na pujança com que surgem  
A riqueza de um solo incomparável  
Em que o cultivador sem mais resguardos  
Com algumas foiçadas e um bocejo  
Garante o pão à prole e pode dar-se  
Ao culto sacrossanto da Preguiça.  
E nada o preocupa: a fauna é frágil,  
Traíçoeira e cobarde; não há tigres,  
Régios tigres listrados; nem leões,  
Nada das formas colossais e rudes  
Feitas para guardarem, consorciadas,  
A feridade e a força... Tudo médio  
Tudo uma redução do que há alhures  
O elefante é tapir tardo e medroso  
O tigre de Bengala é a suçuarana  
Cobarde e fugitiva; o orango bruto  
É o sagüi famíneo e pulha; e a capivara  
O hipopótamo esquivo das lagoas...  
E tudo é médio... a natureza toda  
Numa mediania inalterável...  
As mesmas forças naturais que além  
Rompem em cataclismas formidáveis

Criando a Geologia traço estranho  
De um drama esquiliano, aqui, é calma.  
Não há vulcões e os mesmos terremotos  
Que subvertem cidades noutras zonas  
Amortecem-se inúteis, embatendo  
Na massa de granito desta terra...  
As montanhas \_ bem vês \_ não têm altura  
As maiores são serros noutras partes  
Achatam-se alongando-se, alongando-se

Se o arrojo de um píncaro que enteste  
Com o menor dos píncaros nos Alpes...  
Nas florestas enormes não procures  
O cedro colossal ou o carvalho  
Ou o plátano altivo que alevanta  
Às nuvens uma vida de mil anos,  
Não lhe permite o surto, o afago, atroz  
Terrível das lianas, das aráceas,  
Que os apertam, ... e derrubam  
De sorte que as florestas como os rios  
Como a montanha, como a terra toda,  
São grandes só por um estiramento!... Disse e eu vi pela primeira  
vez

O clarão ideal de uma ironia  
Dando-lhe ao rosto hílar um tom mais sério.  
E prosseguiu:  
Aqui, o grande é o chato!  
Tudo num plano horizontal é enorme  
Tudo num plano vertical é mínimo  
A pedra, o vegetal, e o... e o homem...  
E repentinamente aquele rosto

Onde um ricto sardônico pusera  
A lonha ideal desse sarcasmo ríspido  
Que é a mágoa triunfante dos eleitos  
Pois é a alegria trágica dos fortes,  
Aquele rosto desmanchou-se todo  
No desmandibulado destempero  
De uma risada à-toa.

Mal a ouvi  
Prendeu-me o olhar um quadro nunca visto:  
Numa clareira, em frente, repontavam  
Uns homens singulares... que vestidos!  
Nem clâmides, nem togas, nem  
Consorciando a candura dos arminhos  
Com o varonil das púrpuras brilhantes.  
Pretos. De preto todos no afogado  
Das vestes ajustadas pelos membros...  
Vinham calmos; nem gestos sacudidos

**Nem vozes imperiosas... Passos lentos.  
Lorena, 1896**

### **PÁGINA VAZIA**

**Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo, inda na mente,  
Muitas cenas do drama comovente  
De guerra despiedada e aterradora.**

**Certo não pode ter uma sonora  
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente  
Que possa figurar dignamente  
Em vosso álbum gentil, minha senhora.**

**E quando, com fidalga gentileza  
Cedestes-me esta página, a nobreza  
De nossa alma iludiu-vos, não previstes**

**Que quem mais tarde, nesta folha lesse  
Perguntaria: "Que autor é esse  
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"  
1897**

### **DEDICATÓRIA A LÚCIO DE MENDONÇA**

**Em falta de um 'postkarte', iluminura  
Que enquadre do que penso ou sinto a imagem,  
Em relevo, na artística moldura  
De um trecho fugitivo de paisagem \_**

**Aí vai, para saudá-lo no remanso  
De um lar, onde terá digno conchego,  
Este caboclo, este jagunço manso  
\_ Misto de celta, de tapuia e grego...  
1903**

## **DEDICATÓRIA A COELHO NETO**

**Felizmente**

**Esta fisionomia,**

**De onde ressalta a ríspida expressão**

**Da face de um tapuia, espantadíssima,**

**Hás de achá-la belíssima**

**Porque saberá ver, nitidamente,**

**Com os raios X de tua fantasia,**

**O que os outros não vêem: um coração.**

**1903**

## **O PARAÍSO DOS MEDÍOCRES**

**(Uma página que Dante destruiu)**

**Perto do inferno existe uma paragem**

**Onde cai monótona e ressoa**

**Uma torrente enregelada e dura**

**Sulcando a pedra na erosão eterna.**

**Fomos por ela em fora, lento e lento**

**Vacilantes subindo. Mas no alto**

**Precisamente quando a minha vista**

**Divisava dos céus tão anelados**

**Um fragmento longínquo, vi-me só.**

**Inopinadamente se evadira**

**O bucólico guia que me dera**

**O clarão de sua alma incomparável,**

**Entre as sombras dos giros infernais.**

**Então alucinado, o peito opresso,**

**A fronte em fogo, onde batiam ríspidas**

**As lufadas friíssimas do abismo,**

**Atirei entre os ecos apagados**

**Das vozes do demônio uma súplica:**

**Virgílio. E estas três sílabas belíssimas**

**Rolaram longamente no silêncio**

**Como se no silêncio desabasse**

**Uma falange de cristais partidos.**

**Mas não as repeti: de uma vereda**

**À esquerda, junto ao círculo Judas,**



Vi que surgiu uma figura estranha,  
Homem ou gênio, e todo desgracioso  
Lembrava um sambenito: a fronte nua  
Escampada e brunida completava  
A face cheia e lisa sem refegos,  
Sem um só desses vincos, dessas rugas  
Que são os golpes do buril do espírito  
Sobre os blocos de músculos e nervos.  
Sorria e eu vi seus dentes magníficos  
Numa expressão alvar. Aproximou-se.  
Disse-lhe então: Quem sois? Por que acudistes?  
Quando eu chamei por outro tão diverso?  
Teme um momo adorável, agitou  
Num gesto longo de elegância altiva  
A véstia e o porte erecto e o olhar fulgente  
E o rosto novamente derramando-se  
Num riso imbecil e triunfante  
Volveu pondo-me ao ombro a mão cuidada:  
"Sou Marcellus Pompônio, 'o purista'  
O guia que me trouxe, esse Virgílio,  
Esta ama-seca que apelidas tanto  
Não me suportaria; eu sou capaz  
De mostrar solecismos nas "Geórgicas" ...  
Fez bem: fugiu. E tu certo conheces  
O gênio prodigioso que venceu  
Certa causa notável, apontando  
Um erro de gramática nos autos:  
Sou eu. Sou imortal... Tu és feliz,  
Lucraste com a troca. Folga, ri,  
Agradece ao teu Deus e dá-me o braço.  
Eu vou mostrar o que outrem não faria.  
Já viste o inferno, vou levar-te agora  
Ao purgatório e ao céu. Mas antes deles  
Há uma terra ideal onde domina  
A santa mediania de virtude  
E se chama o 'Paraíso dos Mediócrs' ".  
"É ali", disse. E depois me foi levando  
Por um trilho escarpado. a breve trecho,  
Vingando um cerro abrupto, tive em frente  
O mais belo país que eu inda vira

Que terra encantadora. O meu olhar  
Desatou-se folgando na amplitude  
Dos horizontes vastos onde eternos  
Fulgores de uma primavera eterna  
Se revezam co'as noites estreladas.  
[1903?]

NUM CARTÃO POSTAL [Em que se vê uma mulher, com roupão  
de banho, lendo numa praia]  
A Reinaldo Porchat

Lê?... Não lê. Aquele ar não é por certo  
De quem medita. É o ar de quem atrai.  
E se qualquer de nós, naquelas praias,  
Aparecesse, quedaria incerto,  
Sem saber distinguir quem mais nos trai  
\_ Entre a insídia de uma onda ou de um afago  
Se o velho mar misterioso e vago,  
Ou esse abismo de roupão e saias!  
Guarujá, 30 jul. 1904

## DEDICATÓRIA

Se acaso uma alma fotografasse  
de sorte que, nos mesmos negativos,

A mesma luz pusesse em traços vivos  
O nosso coração e a nossa face,

E os nossos ideais, e os mais cativos  
De nossos sonhos... Se a emoção que nasce  
Em nós, também nas chapas se gravasse,  
Mesmo em ligeiros traços fugitivos...

"Meu caro Doutor Prager!"  
Te assaltaria máxima surpresa,  
Notando \_ deste grupo, bem no meio \_

**Que o mais forte, o mais belo e o mais ardente  
Destes sujeitos, é, precisamente,  
O mais triste, o mais pálido e o mais feio...  
Manaus, 5 fev. 1905**

Fonte:

CUNHA, Euclides da. Ondas e outros poemas esparsos. In: *Obra completa*. Edição organizada por Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1995. 2 v. (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Juan Carlos Pires de Andrade – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.*

**Cortesia**

